# ROTULAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO DE SENTIDOS CONTEXTUALMENTE ORGANIZADA

Maria Angélica Freire de Carvalho<sup>1\*</sup> (Universidade Federal do Piauí)

RESUMO: Este artigo concebe o texto como o lugar da constituição/construção do conhecimento, ampliado por ideias mais recentes e conciliáveis, sendo, assim, entendido como a "máxima" de construção do saber, em que se processa um jogo de atuação comunicativa. Tal processamento é construído linguisticamente de sorte a encaminhar o leitor para um leque de leituras e, da mesma maneira, limitá-lo e/ ou, até mesmo, fechá-lo a outras leituras, tornando-as possíveis ou não, dependendo da cooperação entre produtor, texto e leitor, a qual é intermediada pelas estratégias textuais-discursivas (aqui, mais especificamente, será observada uma das estratégias textuais-discursivas: rotulação), sustentadas pela abordagem sociocognitiva na produção de sentidos. Os argumentos aqui apresentados baseiam-se nos estudos do texto e do discurso, apoiando-se de uma forma mais contundente nos estudos da Linguística textual de natureza sociocognitiva.

palavras-chave: Produção de sentidos. Cooperação. Estratégias textual-discursivas.

## Introdução

No mundo discursivo, os falantes elaboram a atividade comunicativa utilizando recursos individuais, subjetivos, cognitivos, e, ainda, conjuntamente, por meio de recursos linguísticos e extralinguísticos/sociais. E nesse ato referencial², que destaca a linguagem em suas dimensões individual, subjetiva e, ao mesmo tempo, pública e historicizada, constituem-se textos, objetos que são fontes de conhecimentos, mobilizados e ativados, construídos e reconstruídos ao longo das interações.

Assim, os textos são matéria para a construção das (re)apresentações mentais e para as categorizações sociais, e, do mesmo modo, para a circulação e construção de conhecimentos socialmente partilhados. Por fim, são formas de cognição social e, organizadores dos conhecimentos de uma dada cultura. Conforme esclarece Koch (2002:157):

Os textos como forma de cognição social permitem ao homem

<sup>1\*</sup> Professora Dr.ª de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal do Piauí (UFPI). Este artigo compreende trechos da tese de doutorado defendida em outubro de 2005. E-mail: <angelifreire@oi.com.br>.

<sup>2</sup> Processo pelo qual se (re)constroem referentes inserindo-os na cadeia do discurso.

organizar cognitivamente o mundo. É em razão desta capacidade que são excelentes meios de intercomunicação, bem como de produção, preservação e transmissão do saber. Determinados aspectos da nossa realidade social só são criados por meio da representação dessa realidade e só assim adquirem validade e relevância social, de tal modo que os textos não só tornam o conhecimento visível, mas, na realidade, sociocognitivamente existente.

A realidade construída se flexibiliza de acordo com as experiências humanas, em razão da multiplicidade de pontos de vista dos sujeitos no mundo, o que equivale a dizer que as categorizações se atrelam ao contexto da denominação e não somente ao objeto a se designar. Assim, "os objetos (de discurso) emergem, enquanto entidades discretas, ao longo do tempo de enunciação em que fazem a referência" (MONDADA, 1994, p.34). Essas variações, portanto, advêm de processos complexos que se realizam nos níveis psicológico, discursivo e linguístico, inerentes às práticas situadas de linguagem.

Na perspectivação da construção discursiva dos referentes, os interlocutores atuam sobre o material linguístico de que dispõem, fazem escolhas de acordo com a sua proposta de sentido; por isto referir é uma atividade discursiva sujeita a variação de acordo com os atores sociais, as mudanças de percepção e de contexto.

Nessa organização de conteúdos do texto, por meio da construção discursiva dos referentes, é papel do ouvinte/leitor ativar, reativar, desativar esses referentes, o fazendo por meio de diversas estratégias referenciais. Dentre estas, ressalta-se a utilização dos rótulos, importante recurso de sumarização de conteúdos precedentes (retrospectivos), subsequentes (prospectivos) ou, ainda, retrospectivos e prospectivos, ao mesmo tempo, no texto. Esse recurso contribui não só para a organização tópica do discurso, operando a coesão micro e macroestrutural, como também para a explicitação de pontos de vista do produtor do texto. Essa estratégia linguística tem um funcionamento nuclear quanto às ideias do produtor do texto o que permite a identificação de um sentido pretendido.

Com a rotulação por meio de grupos nominais o escritor faz valer seus propósitos argumentativos, pois por meio das estratégias de referenciação é possível inferir ideias, crenças e opiniões que se defendem nos discursos. Por esta razão, essas formas desempenham um importante papel na negociação de sentido(s) entre autor e leitor/ouvinte.

O fato de a rotulação poder ser um meio de assinalar opiniões e crenças do produtor do texto permite destacar uma função argumentativa dessas formas, o que auxilia na promoção do ponto de vista do produtor do texto, na medida em que o texto progride. O encadeamento dessas expressões, isto é, a sua função coesiva não só permite a identificação do(s) propósito(s) comunicativo(s), como ainda faz o texto avançar por meio do encapsulamento, sumarização, de informações e por meio do estabelecimento de um tema para os enunciados subsequentes.

Um rótulo retrospectivo, por exemplo, ainda que sumarize informação dada, pode encaminhar um novo argumento que indique a avaliação do produtor do texto a partir dos segmentos textuais rotulados. A **articulação dado-novo** constitui-se numa orientação argumentativa que tem como objetivo direcionar um sentido.

A fim de ilustrar alguns dos fundamentos teóricos abordados, destaca-se o texto "O profeta da fome" de Josué de Castro, publicado na revista *Caros Amigos* em setembro de 2001, no qual se avalia o emprego das expressões nominais rotuladoras e o modo como elas são elaboradas pelo produtor do texto, constituindo pistas para a identificação do ponto de vista adotado.

Em razão do limite necessário à estrutura, composição e suporte de circulação deste trabalho, os comentários não se aprofundam e nem abrangem toda a complexidade discursiva do texto em análise, que se pode exemplificar nas escolhas lexicais integrantes de um cenário de assombro e de problematizações comum aos títulos *Geografia da Fome e Homens e Caranguejos*, objetos da resenha.

Para facilitar a exposição dos argumentos e por uma opção ilustrativa, serão organizados tópicos para enumerar, sem a intenção de esgotar abordagens teóricas ou de fixar posicionamentos leitores, abordaremos o fenômeno em estudo sob os fundamentos indicados: processamento referencial e o funcionamento textual-discursivo das rotulações.

## Uma proposta de análise para o texto

### O PROFETA DA FOME

Marco Frentte

(CAROS AMIGOS, ano V, n. 54, p.26, set., 2001)

Clássicos de Josué de Castro, ora relançados pela Civilização Brasileira após anos fora de catálogo, fazem longa incursão pela temática da fome, evidenciando a recorrente atualidade do problema no Brasil.

O cientista Josué de Castro, intelectual de fina sensibilidade humanística, assombrava-se com o absurdo de haver no planeta milhões de pessoas escravas da angústia diária de não ter o que comer. Essa perplexidade foi o combustível interior que o levou ao estudo sistemático e aprofundado do fenômeno da fome em seus mais diferentes aspectos. O resultado desse enorme empenho monotemático, suas conclusões e decepções acumuladas por quase quatro décadas de trabalho ininterrupto foram devidamente registrados em diversos livros fundamentais, todos, inexplicavelmente, há muito tempo fora do catálogo.

Agora, dois dos mais significativos títulos de sua profícua carreira, *Geografia da Fome e Homens e Caranguejos*, são relançados pela Civilização Brasileira. São livros complementares, servindo de boa iniciação ao pensamento social, científico e político de Josué de Castro. Enquanto o primeiro trata de uma maneira metódica e ampla das causas

reais da fome no Brasil, o segundo expõe, em forma de curto romance, os sentimentos profundos que o tema despertava no autor.

Josué de Castro foi um vulto de estatura pouco comum, sobretudo entre brasileiros. Admirado por gente como Sartre, Pearl S. Buck e Einstein, e duas vezes indicado para o Prêmio Nobel da Paz, esse recifense de 1908 e neto de retirantes paraibanos foi catedrático, geógrafo, médico, deputado federal de Pernambuco, embaixador do Brasil na ONU, presidente da FAO, membro de inúmeras academias e, o mais significativo, em sua época foi lido e respeitado em todo o planeta. Estudioso na mais ampla acepção do termo, Josué de Castro formou-se aos 21 anos em medicina pela Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), e apenas três anos depois, em 1932, já chefiava a equipe que realizou o inquérito Condições de Vida das Classes Operárias no Nordeste, pesquisa pioneira no país, que abrangeu quinhentas famílias em Recife, num total de 2.585 pessoas.

Esse trabalho, além de inspirar inúmeras pesquisas semelhantes em vários Estados brasileiros nas décadas de 30 e 40, evidenciou, pela primeira vez, as condições de fome crônica de grandes populações do Nordeste açucareiro. Das famílias analisadas, por exemplo, constatouse que apenas 19 por cento consumiam leite e apenas 16 por cento comiam frutas, mesmo assim em quantidades insignificantes, que só foram computadas em respeito ao rigor científico. A quase totalidade das famílias recenseadas sobrevivia à base de uma alimentação extremamente desequilibrada, constituída apenas por feijão, carne-seca, café, acúcar. A respeito dessa pesquisa, Josué de Castro afirmaria que a experiência desses "seres estiolados com deficiência física e mental" não se devia ao suposto mal da miscigenação, mas sim ao estômago vazio, que produzia um "mestico débil, raquítico e anêmico". Assim, ao estudar não famintos esqueléticos, mas gente alguebrada por uma alimentação insuficiente que impede um desenvolvimento pleno, esclarecia-se pela primeira vez – e já muito tardiamente – que sofríamos de um "mal de fome, e não de raça".

Após <u>essa experiência pioneira</u> e sua primeira docência em fisiologia na Faculdade de Medicina de Recife, Josué de Castro mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1935, onde realizou pesquisas bioquímicas que seriam o embrião do futuro Instituto de Nutrição que fundaria na Universidade do Brasil. Mais tarde, em 1938, estagiou no Instituto Bioquímico de Roma e deu cursos nas universidades de Gênova, Nápoles e Roma. Já no ano seguinte, de volta ao país, obteve a cátedra de geografia humana da Universidade do Brasil. Dessa data até 1945, envolveu-se em diversas iniciativas governamentais visando o combate à fome, tendo sido oficialmente convidado por vários países que o queriam para estudar

o problema. Nessa condição, esteve na Argentina, em 1942, nos EUA, em 1943, e no México e na República Dominicana em 1945.

Esses anos de prática e estudos — nos quais publicou importantes trabalhos, como *Problema da Alimentação no Brasil, Alimentação Brasileira à Luz da Geografia Humana e Alimentação e Raça* — forneceram-lhe a experiência necessária para engendrar, em 1946, seu famoso ensaio Geografia da Fome. Primeira parte de um ambicioso projeto de mapeamento da miséria alimentar em todo o planeta, <u>esse estudo</u> seria completado em 1951, com a publicação de *Geopolítica da Fome*, livro mais maduro, que ao estudar a fome no resto do planeta, deu mais ênfase às causas sociais e políticas do fenômeno.

Esse projeto de mapeamento mundial da fome nasceu em 1943, na Conferência de Alimentação de Hot Springs, nos Estados Unidos. Nesse evento convocado pelas Nações Unidas – o qual deu origem à FAO (Organização de Alimentação e Agricultura das Nações Unidas) –, representantes de 44 nações expuseram pela primeira vez, de maneira franca, as condições alimentares de seus respectivos países. Com o mal exposto buscaram-se soluções conjuntas que logo esbarraram na falta de um conhecimento mais amplo e aprofundado do tema. Anos depois, *Geografia da Fome* e *Geopolítica da Forme* surgiriam como competentes respostas a essas necessidades.

Partindo de um método geográfico-interpretativo preconizado por autores como Vidal de La Blanche – que em seu Príncipes de Géographie Humaine, de 1922, apontava o "estudo dos recursos alimentares regionais" como uma forma de compreender as relações do homem com o seu meio -, Geografia da Fome dividiu o Brasil em cinco grandes áreas alimentares (Amazônia, Nordeste açucareiro, sertão do Nordeste, centro e sul), mapeando a fome e a desnutrição em seus mais variados níveis. Concomitantemente, o estudo fez incursões desenvoltas pelos campos da literatura, da fisiologia, da antropologia e da sociologia. Essa interdisciplinaridade, segundo explicações do próprio autor, procurava abordar o tema em sua "realidade total", sem "arrebentar-lhes as raízes que o ligam subterraneamente a inúmeras outras manifestações econômicas e sociais". Desse livro respeitado em todo o mundo e traduzido para mais de 25 idiomas. Josué de Castro também fazia questão de destacar a "natureza ecológica", entendendo por ecologia não a mera produção ambiental seguida de simples contemplação das belezas naturais remanescentes, mas o "estudo das ações e reações dos seres vivos diante das influências do meio".

À época, a aplicação <u>desse método de estudo</u> constituiu-se em formidável novidade científica e num significativo avanço para o pensamento social, pois, a partir desse "primeiro grande mergulho"

de olhos abertos no emaranhado do enigma alimentar do país", segundo inspirada definição de Homero Homem, o Brasil ganhou um entendimento conjuntural dos estragos físicos, culturais e psicológicos causados pela fome, o que nos capacitou a entender, pela primeira vez, que fome e subdesenvolvimento são a mesma coisa.

Em muitos aspectos, Geografia da Fome pode ser comparado a Casa-*Grande e Senzala* – esse outro livro-chave para a compreensão do Brasil. Como a obra de seu conterrâneo Gilberto Freyre, publicada treze anos antes, o estudo de Josué é escrito não em português, mas em brasileiro, com frases escorreitas que se equilibram entre o rigor informativo e a informalidade textual, dando ao ensaio um sabor especial, ao tempo em que revela ausência de preconceitos por conta da utilização das mais diversas fontes e modos de abordagem. Exemplo disso é quando ilustra a dissertação sobre os hábitos alimentares dos sertanejos citando versos do improvisador popular Antonio Batista Guedes, ou quando estabelecer as conexões entre fome e adoração mística a partir da história da Idade Média e de referências a líderes religiosos como Buda, Cristo e Antônio Conselheiro. Esse cuidado em dar um contorno poético e existencial a uma obra de cunho eminentemente científico, aproximando-a da literatura, foi um dos segredos do poder de sedução da escrita de Gilberto Freyre, algo também presente, se bem que em menor grau, em Geografia da Fome. Nesse sentido, pode-se dizer que Josué teve em Freyre seu principal mestre estilístico, já que foi seu grande leitor, citando-o em diversos trabalhos.

Porém, como nada é perfeito, <u>essa reedição da Civilização Brasileira</u> — apesar de embalada em competente projeto gráfico — chega com <u>inexplicáveis mutilações</u>. Nela faltam prefácios e apêndices que constavam de edições anteriores, a exemplo do escrito por Alceu Amoroso Lima em 1980, o qual mensura *Geografia da Fome* em sua importância política e social dentro do contexto brasileiro de então, além de compará-lo, em termos de retrato da realidade nacional, com *Os Sertões* de Euclides da Cunha.

Também ficou de fora um apêndice à oitava edição intitulado "A contribuição da Crítica Brasileira", interessante documento que evidencia o espírito arejado desse humanista radical convertido em profeta da fome. Nele, Josué estabelece um diálogo sem arrogância com a crítica de então, composta por intelectuais e jornalistas como Homero Homem, Nelson Werneck Sodré, Sérgio Milliet, Luiz da Câmara Cascudo e José Honório Rodrigues. Citados nominalmente, suas principais sugestões e ressalvas ao *Geografia da Fome* são devidamente enumeradas e incluídas no contexto do livro. Belo exemplo de diálogo cultural e de posicionamento intelectual democrático.

Excluíram, ainda, o material iconográfico que havia no projeto original. Era uma dúzia de imagens, trazendo fotos como a de um sertanejo fotografado por Pierre Verger; a de uma capelinha à beira de estrada, marcando o ponto em que sete pessoas morreram de fome, e a de retirantes com semblantes desesperançosos num barco, descendo o rio São Francisco. Sumiram também desenhos excelentes, como o de Percy Lau mostrando a via-crúcis de retirantes e um detalhe de quadro de Portinari retratando a cabeça de um faminto.

No entanto, esse lamentável rosário de ausências não chega a comprometer seriamente Geografia da Fome, pois seu texto vem por inteiro – e ele, no final das contas, fala por si só. Arauto de uma realidade terrível, nele se aprende sobre desgracas tais como pragas de cascavéis e morcegos enlouquecidos pela falta do que comer, saindo à luz do dia para morder e picar sertanejos esquálidos em situação idêntica de fome; e sobre o processo fisiológico que transforma o faminto num mero feixe de nervos dotado de uma visão extremamente agucada, como um animal de rapina a procurar uma caca inexistente ou qualquer coisa mastigável. Também há relatos contundentes de diversas secas e suas exterminações em massa, como a de 1877-1879, na qual morreram 500.000 nordestinos. Calcula-se que 150.000 foram vitimados diretamente pela fome; 180.000 pela varíola, febres biliosas, beribéri e outras doenças; e 180.000 por um cruzamento de sede, inanição e alimentação venenosa. Fortaleza, que então contava como 124.000 almas, teve quase metade de sua população dizimada: os cemitérios de São João Batista e Lagoa Funda registraram 56.791 sepultamentos.

Paralelamente a <u>esses relatos de sofrimento e mortandade</u>, *Geografia da Fome* fala da ausência de um projeto nacional para combater a miséria e de uma secular cultura predatória, que, baseada na monocultura, transformou em desertos regiões inteiras. A novidade do quadro final foi demonstrar, de maneira cabal e didática, que a fome não tem, há muito tempo, mais a ver com fatalidades ou contingências da natureza, mas sim com interesses financeiros e políticas de Estado.

Josué de Castro criticava a "centralização absurda" no Sul de recursos e esforços governamentais, que resultava "numa filosofia do desenvolvimento brasileiro" baseada na noção de "desenvolver mais o já desenvolvido e não de integrar no sistema econômico nacional as atuais áreas marginais, tais como o Nordeste e a Amazônia". Afirmava também que a "política de fachada da República" incentivava a prevalência de uma "política paternalista" do tipo "ajuda-teu-irmão'nas épocas calamitosas da seca". Passado meio século e muitos governos depois, a atual campanha do Sul para arrecadação de alimento para os flagelados do Nordeste, nessa nova seca de 2001, mostra a triste atualidade **dessas** 

#### constatações.

A esse secular faz-de-conta governamental que permite o eterno retorno da fome, Josué de Castro chamou de "ciclo do caranguejo", expressão a qual designava a peculiar miséria das populações dos mangues recifenses: "Essa gente vive da pesca de caranguejos e siris, chafurdando nesse charco onde tudo é, foi ou vai ser caranguejo, inclusive a lama e o homem que vive nela". Essa visão cristalizada da miséria, tão bem utilizada e cantada por Chico Science, foi justamente a imagem-mestra de seu único romance, Homens e Caranguejos. De cunho autobiográfico, essa história tem como pano de fundo a estrutura agrária e feudal do sertão nordestino, trata das lutas estomacais diárias da família de um menino chamado João Paulo.

No prefácio do livro, o autor conta como a descoberta da fome atuou poderosamente sobre sua sensibilidade em formatação, marcando toda a sua obras futuras como médico e cientista social. A revelação se deu espontaneamente aos seus olhos de criança nos mangues do Capibaribe e nos bairros miseráveis de Recife, e aqui talvez caiba, para o leitor entender a importância dessa visão para o autor, a reprodução de suas palavras do prefácio do romance: "foi assim que eu vi e senti formigar dentro de mim a terrível descoberta da fome. Da fome de uma população inteira escravizada à angústia de encontrar o que comer. Vi os caranguejos espumando de fome à beira da água, à espera que a correnteza lhes trouxesse um pouco de comida, um peixe morto, uma casca de fruta, um pedaço de bosta que eles arrastariam para o seco para matar a sua fome. E vi, também, os homens sentados na balaustrada do velho cais a murmurarem monossílabos, com um talo de capim enfiado na boca, chupando o suco verde do capim e deixando escorrer pelo canto da boca uma saliva esverdeada que me parecia ter a mesma origem da espuma dos caranguejos: era a baba da fome".

Homens e Caranguejos é obra de um homem exilado. Cassado em seus direitos políticos durante o golpe de 1964, Josué refugiou-se em Paris, onde viveu até sua morte, em 1973. Nessa década de desterro, não parou de produzir. Trabalhou em vários projetos (como a fundação e direção do Centro Internacional para o Desenvolvimento em Paris), lecionou e escreveu livros e artigos. Mas sentiu agudamente a falta do Brasil, a ponto de declarar que "não se morre apenas de enfarte ou de glomerulonefrite crônica, mas também de saudade". Foi no segundo ano desse exílio, em 1966, que surgiu Homens e Caranguejos, espécie de testamento cultural sentido e emocionado, onde o autor relembra sua infância humilde para recriá-la a partir da experiência do cientista e pesquisador maduro.

Por sua importância autobiográfica e literária, esse romance que Roberto

Rosselini leu encantado, a ponto de desejar filmá-lo, bem que mereceria por parte da Civilização Brasileira o cuidado de encomendar um estudo introdutório, em vez de apresentá-lo a seco para o novo público leitor. Com apenas uma edição em 1967 pela Brasiliense, esse drama ficcional escrito em linguagem coloquial e algo burocrática, mas com capítulos titulados à moda dos romances picarescos ("De como o Corpo e a Alma de João se Foram Impregnando o Suco dos Caranguejos", "De como João Paulo Ouvindo a Tempestade dos Homens, Virou Caranguejo" etc.), tem força poética e autenticidade suficientes para ser devidamente incluído na tradição literária dos romancistas da fome, à qual pertencem brasileiros como Rodolfo Teófilo e Rachel de Queiroz, e estrangeiros como Knut Hamsun e George Fink.

Além disso, a imagem impressionante que *Homens e Caranguejos* nos dá dos pobres coitados que entram nos mangues para saírem de lá escuros de lama, alquebrados e despojados de sua condição humana, é digna da melhor literatura fantástica, fazendo do personagem de João Paulo uma espécie de Gregor Samsa nacional. Josué de Castro, bem distante de Praga e do alemão impecável de Kafka a descrever a transformação de um europeu em barata, nos deu o relato de **uma metamorfose local**: a do brasileiro se assemelhando não a um inseto impotente diante da modernidade, mas a um crustáceo lamacento, que como detritos, que anda para trás e se acachapa na luta por alimento. Talvez tenha sido **essa síntese genial** — mas nada agradável — do que ainda é a vida para parte significativa do povo brasileiro o motivo de *Homens e Caranguejos* ter sido inconscientemente ignorado pelos editores brasileiros por longos 34 anos.

## Apresentação do tema e escolha dos referentes discursivos

Para essa descrição são destacadas expressões referenciais e/ou formas de nomeação, apresentação, de referentes que caracterizam uma particularidade sob o ponto de vista do produtor do texto e que, de algum modo, contribuem para delinear uma perspectiva de leitura. Nesse sentido, destacam-se os referentes que se (re)apresentam nos processos *de remissão e de retomada* promovendo a progressão textual-argumentativa.

	Apresentação de referentes no texto		
	Parágrafo	Referente	
	1.°	Intelectual de fina sensibilidade humanística	
O cientista	3.°	Esse recifense de 1908 e neto de retirantes	
Josué de		paraibanos Estudioso na mais ampla acepção do termo	
Castro		1 1,	
	Nos demais parágrafos do texto, o cientista é Josué de		
		neio do nome próprio, de elipse, Castro, Josué,	
0.1.1.	de pronome ou, ainda, pelo atributo "autor". o autor.		

O leitor verifica por meio da seleção linguística que apresenta e reapresenta Josué de Castro como autor da obra cuja reedição é resenhada no texto, que o resenhista evidencia uma admiração por tal autor, construindo-o discursivamente como um homem de raízes nordestinas, que tem uma história familiar contígua à apresentada no contexto da seca, neto de retirantes nordestinos, cientista sensibilizado com a questão social, e é, por fim, um intelectual de prestígio internacional, autor de importantes trabalhos cuja temática comove pela plasticidade com que retrata problemas sociais brasileiros, bem como de outros países, no contexto de fome e de subdesenvolvimento.

Dado o propósito do texto: apresentar criticamente a reedição de dois "dos mais significativos títulos da profícua carreira" de Josué de Castro: "Geografia da Fome" e "Homens e Caranguejos", relançados pela Civilização Brasileira, em 2001, ele se organiza de modo a resumir as ideias de cada titulo, articulando-as com o conjunto da obra do escritor e uma vida dedicada à pesquisa, tecendo comentários que, em razão de algumas estratégias linguísticas utilizadas, é possível afirmar que a proposta é a de contribuir para a legitimação dos denominados "Clássicos", sob o ponto de vista do produtor, e divulgar obras que se atualizam por ainda retratar "a vida para parte significativa do povo brasileiro".

Ideias desenvolvidas no 2.º e no 3.º parágrafos do texto (apresentação)		
Geografia da	Os referentes no texto	Observações
Fome e Homens e	Retomada/remissão	
Caranguejos	Dois dos mais significativos	
	títulos de sua profícua carreira Livros	
	Livros	"são complementares"
	Primeiro	"trata de uma maneira metódica e ampla das causas reais da fome no Brasil"
	Segundo	"expõe, em forma de curto romance, os sentimentos profundos que o tema despertava no autor"

Assim, a progressão das ideias nos parágrafos se fundamenta nos conteúdos dos títulos reeditados. Nesse processo, destacam-se as estratégias de rotulação discursiva que sumarizam conteúdos e encaminham a abordagem de apresentação e

de crítica em relação à reedição, promovendo a coesão e a progressão temática.

## Considerações sobre a proposta de análise

O gênero em destaque é uma resenha sobre dois títulos que compreendem parte da obra do cientista Josué de Castro, os quais se referem a um trabalho de pesquisa realizado a partir "[do] absurdo de haver no planeta milhões de pessoas escravas da angústia diária de não ter o que comer". Sob os rótulos: essa perplexidade, (d)esse enorme empenho monotemático, esse trabalho, (d)essa pesquisa, essa experiência pioneira, esses anos de prática e estudos, esse estudo, essa interdisciplinaridade, (d)esse método de estudo, esse cuidado, nesse sentido, inexplicáveis mutilações, esse lamentável rosário de ausências, (d)essas constatações, esse secular faz-deconta governamental, essa visão cristalizada da miséria, nessa década de desterro, uma metamorfose local, essa síntese genial, conteúdos pertinentes à elaboração do trabalho de pesquisa e ao "olhar" do produtor sobre esses trabalhos são apresentados aos leitores.

Esses rótulos explicitam uma reflexão do produtor sobre os conteúdos sumarizados e em muitos se destaca uma gradação da força argumentativa, característica do texto, a partir do modo como o produtor realça a importância e o pioneirismo da obra.

O produtor do texto prossegue seus argumentos retomando as rotulações feitas, como é o caso dos rótulos *esse trabalho, dessa pesquisa, essa experiência pioneira, esse estudo* que se referem ao rótulo *desse enorme empenho monotemático*. Aqui cabe ressaltar que não se trata de uma retomada de um referente apenas acrescentandolhe predicações, há referência à atividade enunciativa, pois cada retomada implica avaliação do produtor não só em relação ao rótulo em si, mas, fundamentalmente, ao conteúdo que ele encapsula, sumariza. Nesse sentido, o rótulo recategorizado acentua o movimento de voltar-se ao texto não só em relação à forma linguística, mas também ao modo como ela se apresenta, isto é, à enunciação.

Ao sumarizar as ideias iniciais do fragmento, o produtor informa aos interlocutores que se trata de "constatações" e, na sequência do texto, complementa a ideia, de modo extremamente avaliativo com o rótulo *esse secular faz de conta governamental*. Nesse rótulo recai a orientação argumentativa do texto como um todo, em que se chama a atenção para os recursos ineficientes e a filosofia desenvolvimentista inócua proposta pelos governantes no combate à fome, evidenciando um faz-de-conta governamental em diferentes momentos da história do Brasil, o qual se seculariza na imutável realidade da fome, conforme a visão cristalizada da miséria estampada nos "relatos de sofrimento e mortandade" apresentados em uma das obras citadas.

Em suma, de acordo com a intencionalidade do produtor do texto, a utilização de grupos nominais como recurso coesivo e o modo de apresentação de tais formas implicam posicionamentos discursivos, o que configura o caráter avaliativo das escolhas lexicais e o direcionamento de sentido(s) desejado pelo produtor. Neste caso,

é importante levar em conta o que realça Koch (2005:2) em relação ao processamento textual na atividade de compreensão:

[o processamento textual] "... depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua, tais como seus objetivos, convicções e conhecimento de mundo".

Pela maneira como são apresentadas e organizadas as palavras no texto, encaminha-se um sentido que, por esta razão, não é adivinhação, mas sim construção colaborativa. O sentido não está no texto e precisa ser construído pelo leitor ou ouvinte, é uma construção conjunta. Nesta construção, há uma responsabilidade mútua entre produtor e leitor/ouvinte: se o produtor é o responsável em oferecer pistas que orientem o processo de compreensão, cabe ao leitor/ouvinte reconstruí-las.

Assim, apesar de as pistas linguísticas apontarem caminhos, não significa que limitem trajetos e cerceiem estratégias de compreensão, pois há de ser examinado todo o contexto que envolve os interagentes, com suas crenças, ideologias e conhecimentos presumidos como partilhados.

O processo de rotulação não só funciona como um organizador do discurso, como também é responsável pela condução argumentativa, principalmente, quando se trata de rótulos com maior grau avaliativo, que permitem depreender posicionamentos do produtor no texto, delineados em razão das pistas textuais.

A rotulação constitui uma estratégia linguística que favorece a compreensão de textos, permitindo não só direcionar os argumentos do produtor do texto, explicitando pontos de vista, mas também organizar o discurso. Todavia, este papel de organizar e de encaminhar as ideias não torna o rótulo uma estratégia sempre presente na caracterização do propósito argumentativo no gênero discursivo, pois há textos em que tal recurso tem uma presença significativa e podem existir outros em que isso não ocorra.

É importante registrar que, embora a condensação das ideias do texto seja mais bem identificada numa frequência acentuada dos rótulos, a qual permite apontar a cadeia coesiva dos argumentos sumarizados, constituindo o "esqueleto" do projeto de dizer do autor, os rótulos, ainda que em menor ocorrência, sinalizam a ideia principal do texto ou sinalizam argumentos importantes para a manutenção do tópico discursivo.

É tarefa do leitor pôr em ação estratégias de formulação de hipóteses e de decisão, as quais podem, de acordo com as escolhas feitas no momento da leitura, ser revistas, descartadas ou, ainda, complementadas, o que torna possível uma mudança de trajeto a partir de um novo levantamento de hipóteses e de uma nova tomada de decisão. Isto se deve ao fato de que os sentidos não são permanentes ou estáveis, mas se constroem em tempos históricos determinados e em contextos socioculturais diferenciados

## Alternativa metodológica para a prática pedagógica

As ideias apresentadas neste estudo permitem encaminhar algumas discussões que podem resultar em boas sugestões práticas para servirem de instrumental a professores em diferentes níveis de ensino e áreas do saber, pois o texto se apresenta como objeto de ensino e de aprendizagem no contexto pedagógico.

O foco de abordagem pode ser, num primeiro momento, o processo de compreensão/interpretação de texto e, depois, numa sequência desse mesmo trabalho, a elaboração de textos escritos variando de acordo com o propósito da produção. Dada a natureza do recurso linguístico destacado, isto é, do rótulo, a saber, sumarizar conteúdos, explicitar pontos de vista, encadear tópicos e subtópicos e, a partir disso, organizar os conteúdos do texto, alguns gêneros poderão ser mais bem contemplados na observação dos aspectos citados. Como é o caso, por exemplo, da progressão sequencial, fechamento e continuidade tópica e, ainda, o caso de como, por exemplo, resumo, sinopse, resenha e esquema, os quais se fundam na sumarização de conteúdos.

Esses gêneros circulam no contexto pedagógico e, em razão de uma natureza sumarizadora, que lhes é comum, acabam não sendo diferenciados pelos alunos e, muitas vezes, nem pelos professores.

Ao realizar uma leitura atenta de um texto e, depois, retomá-la parágrafo por parágrafo, solicitando aos alunos que acompanhem os movimentos de avanço e de recuo de conteúdos e, ainda, o modo como eles se constituem é um dos procedimentos que direciona o "olhar" leitor para nódulos textuais responsáveis pela condução argumentativa. E, assim, às relações causais entre os acontecimentos do texto por meio dos referenciamentos, identificando as relações discursivo-argumentativas, lógico-semânticas que ocorrem em todo o texto.

Nesse passo a passo leitor, é possível observar a apresentação dos referentes no texto, sua combinação e organização, a partir de contextos semânticos, permitindo traçar uma linha argumentativa que evidencia o posicionamento do produtor sobre o assunto tratado. É o caso, por exemplo, do termo *fome* que é reapresentado pelos referentes: *problema, fenômeno, mal e tema*, escolhas que se harmonizam na construção argumentativa do texto. Os pontos de vista na análise das escolhas lexicais podem variar, mas todos devem considerar os contextos de produção e o projeto de dizer do produtor do texto analisado.

No caso de observar os grupos nominais rotuladores, como é a proposta deste estudo, exemplificada no esquema apresentado anteriormente, verifica-se que é possível sugerir questões sobre o texto tomando como apoio tal recurso linguístico e identificar que, ao desenvolver a ideia que eles sumarizam, o leitor se volta para a enunciação e refaz uma trajetória de leitura (a espinha dorsal do texto ou "backbone"). Esse movimento poderá ser fácil para alguns leitores e mais trabalhoso para outros, pois requer uma maior atenção aos encadeamentos textuais.

Outra atividade que se poderá desenvolver, a partir dessa proposta de

trabalho, é solicitar a identificação da ideia-núcleo de cada parágrafo, apontando a relevância no plano discursivo do texto e, do mesmo modo, a relação que se estabelece entre os conteúdos precedentes e subsequentes. Ao encaminhar uma proposta didática sob esse enfoque, identificam-se os tópicos e subtópicos discursivos, o modo como se organizam os parágrafos no texto, como se dá a sua constituição e como, enfim, se mantêm articulados, procedimentos que conduzirão, também, à identificação da cadeia argumentativa apresentada.

Essa abordagem teórico-metodológica contribui para que as atividades de produção e de interpretação de textos, fios condutores do processo de ensino e de aprendizagem, sejam significativas para alunos e para professores. Trata-se de orientações que não se esgotam numa análise que tenha por base apenas o contexto linguístico, mas que se estenda às múltiplas relações intertextuais que contemplam o complexo processo de produção de sentidos quer seja na atividade de compreensão quer seja na atividade de escrita de textos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. **O funcionamento textual-discursivo dos rótulos em artigos de opinião**. Campinas-SP: [s. ed.], 2005.

KOCK, 2005 (p. 1 do texto)

\_\_\_\_\_, 2002, 157. (p. 2 do texto)

MARCUSCHI, ? (p. 1 do texto)

MONDADA, 1994, p. 34 (p. 1 do texto)